

IMPACTOS NA ALFABETIZAÇÃO E NO LETRAMENTO DAS CRIANÇAS NO PERÍODO DE PÓS-PANDEMIA

Lígia Vânia Oliveira¹

Roseli Maria Rosa de Almeida²

RESUMO: Este estudo é resultado de uma investigação sobre os impactos da pandemia de Covid-19, no processo de alfabetização e letramento de alunos de um 4º e um 5º ano do ensino fundamental, de uma escola pública de Naviraí-MS. O objetivo geral foi analisar como se deu esse processo no contexto pós-pandêmico. Especificamente, buscou-se: i) identificar as principais dificuldades de leitura e escrita dos alunos, considerando os efeitos da pandemia; ii) analisar as estratégias de recuperação e adequação às necessidades discentes. A pesquisa foi qualitativa e utilizamos como instrumentos para a coleta de dados, duas entrevistas semiestruturadas, uma com a professora de um 4º ano e uma do 5º ano, estas foram realizadas em abril de 2025. As entrevistas foram transcritas e analisadas para compreender as percepções docentes sobre os desafios enfrentados e as estratégias empregadas com os alunos para minimizar os problemas de aprendizagem. Os relatos das professoras indicam dificuldades persistentes na leitura e escrita, resquícios do período pandêmico. Destaca-se nos resultados a urgência de medidas de suporte pedagógico e formação docente, a fim de mitigar os efeitos da interrupção escolar na pandemia e promover a recuperação das aprendizagens.

Palavras-chave: Alfabetização. Ensino Fundamental. Letramento. Pós-pandemia.

IMPACTS ON CHILDREN'S LITERACY IN THE POST-PANDEMIC PERIOD

ABSTRACT: This study is the result of an investigation into the impacts of the Covid-19 pandemic on the literacy process of 4th and 5th grade students at a public school in Naviraí-MS. The general objective was to analyze how this process took place in the post-pandemic context. Specifically, we sought to: i) identify the students' main reading and writing difficulties, considering the effects of the pandemic; ii) analyze the strategies for recovery and adaptation to the students' needs. The research was qualitative and we used two semi-structured interviews as data collection tools, one with a 4th grade teacher and one with a 5th grade teacher, which took place in April 2025. The interviews were transcribed and analyzed in order to understand the teachers' perceptions of the challenges they face and the strategies they use with students to minimize learning problems. The teachers' reports indicate persistent difficulties in reading and writing, remnants of the pandemic period. The results highlight the urgent need for pedagogical support measures and teacher training in order to mitigate the effects of school interruption during the pandemic and promote learning recovery.

Keywords: Literacy. Elementary school. Literacy. Post-pandemic.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da UFMS-Câmpus de Naviraí.

² Docente do curso de Pedagogia da UFMS/CPNV e orientadora da pesquisa.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo discute questões voltadas à problemática dos alunos que estavam em processo de alfabetização e letramento na pandemia de Covid-19, e procura identificar como estão atualmente, no 4º e 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental. A investigação busca entender as dificuldades enfrentadas pelos alunos e avaliar as metodologias utilizadas pelos professores, além de identificar estratégias utilizadas para a recuperação das aprendizagens não consolidadas.

A temática sobre a alfabetização e o letramento no pós-pandemia, no Brasil, se torna cada vez mais relevante, especialmente se consideramos os desafios impostos pela pandemia de Covid-19. A alfabetização é o processo de aprender a ler e escrever, representa um direito fundamental que deve ser assegurado a todas as crianças, embora a realidade educacional brasileira, marcada por desigualdades sociais, exige uma análise crítica desses direitos, de forma contextualizada, em meio às realidades das escolas públicas brasileiras.

Segundo a Nota Técnica da Organização não-governamental Todos pela Educação (2021), os efeitos da pandemia revelaram um aumento nas dificuldades de leitura e escrita entre as crianças, criando um cenário preocupante para a educação no país. A Ong citada (2021) alerta que dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do IBGE, mostram que entre 2019 e 2021, houve um crescimento de 66,3% no número de crianças de 6 e 7 anos que não sabiam ler e escrever, infelizmente, esse aumento é ainda mais acentuado entre crianças pretas e pardas, evidenciando as desigualdades já presentes no sistema educacional brasileiro.

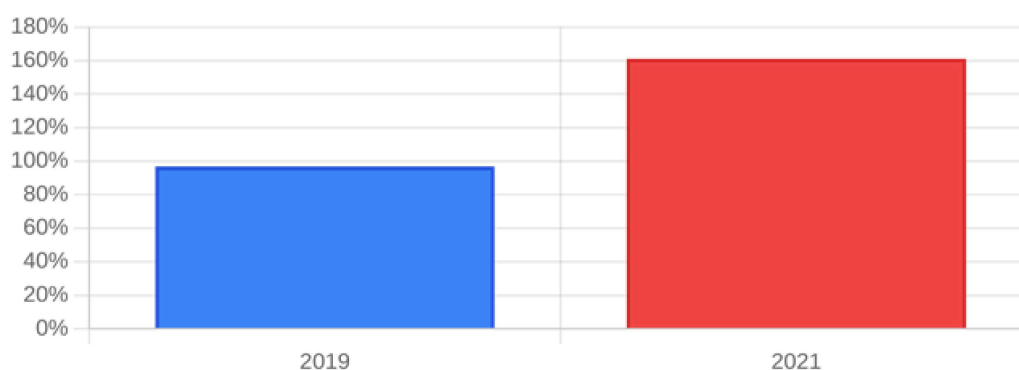


Gráfico 1- Crescimento de 66,3% no nº de crianças de 6 e 7 anos que não sabiam ler e escrever

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Considerando as questões apontadas acima, o tema central deste estudo, se concentra na análise dos efeitos da pandemia sobre a alfabetização e o letramento de crianças, no 4º e 5º

ano do ensino fundamental, além da identificação das metodologias utilizadas pelos educadores para promover o avanço nos níveis de leitura e escrita.

A abordagem é qualitativa e realizamos duas entrevistas semiestruturadas com professoras de um 4º e um 5º ano do ensino fundamental. As entrevistas foram gravadas no mês de abril de 2025, na escola selecionada (que é da rede municipal de ensino de Naviraí-MS) e posteriormente transcritas para análise. De início solicitamos autorização do Diretor e do Coordenador da escola, para realizar as entrevistas com as professoras. O Coordenador indicou duas professoras que, segundo sua fala, estavam enfrentando muitas dificuldades com as turmas, em relação à leitura e escrita das crianças.

A escolha do tema foi motivada pelo interesse na educação inicial e a preocupação com o acesso a esse direito fundamental para as crianças em período de alfabetização, em razão da necessidade de compreender como o processo de alfabetização e letramento foi abordado nas escolas após a interrupção das atividades presenciais pela pandemia de Covid-19 no Brasil.

O objetivo geral do trabalho é investigar o processo de alfabetização e letramento dos alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública do município de Naviraí-MS, no contexto de pós-pandemia de Covid-19. Os objetivos específicos foram: i) identificar e as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental em relação à leitura e a escrita, considerando os impactos da pandemia de Covid-19; ii) analisar as estratégias das professoras para o ensino da leitura e escrita.

A pandemia não apenas interrompeu o fluxo educativo, mas também evidenciou um aumento alarmante nas dificuldades de leitura e escrita entre as crianças. Assim, é necessário realizar uma análise crítica das práticas pedagógicas utilizadas nas escolas, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento da leitura e escrita, habilidades estas necessárias a uma continuidade dos estudos em todas as áreas. É relevante também averiguar se houve recuperação para aqueles que apresentavam defasagens em relação aos conhecimentos previstos para o ano em que se encontram matriculados (2020 e 2021).

Pesquisas dessa natureza são fundamentais para a formulação de políticas públicas que garantam o suporte necessário, tanto para educadores, quanto para estudantes. Esperamos que o trabalho possa instigar novos debates sobre as dificuldades e ações das escolas brasileiras, a fim de minimizar os aspectos relacionados à aprendizagem da leitura e escrita das crianças, bem como dar suporte aos professores alfabetizadores em suas ações.

2. IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

As diretrizes educacionais brasileiras refletem a importância da alfabetização e do letramento como ferramentas para a continuidade dos estudos e para o desenvolvimento da criança na escola. A Constituição Federal de 1988 estabelece a educação como um direito fundamental de todos os cidadãos. No artigo 205 determina que "a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família" (Brasil, 1988). Isso deixa evidente que a responsabilidade pela educação não é apenas do Estado, mas também das famílias e da sociedade civil.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394/1996, estabelece que a educação deve promover "o desenvolvimento da capacidade de aprender" e "a formação para o exercício da cidadania" (Brasil, 1996, art. 1º). A legislação é importante, pois organiza e regulamenta o sistema educacional brasileiro, da educação infantil até o ensino superior.

O Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado pela Lei nº 13.005/2014, por sua vez, propõe a meta 5 para garantir a alfabetização até o final do 3º ano do ensino fundamental a todas as crianças. Assim, o documento destaca que "[...] é imprescindível que a educação básica assegure a todos os estudantes a aprendizagem dos conteúdos essenciais [...]" (Brasil, 2014, p. 24), entre os quais, a leitura e a escrita, conhecimentos que perpassam todas as áreas.

A meta 5 destaca a necessidade de políticas públicas eficazes que promovam a qualidade do ensino nas escolas. Para alcançar essa meta, é fundamental que as iniciativas educacionais sejam bem planejadas e implementadas, garantindo que todos os estudantes tenham acesso a uma educação de qualidade que os prepare adequadamente para os desafios atuais e mesmo futuros.

A LDBEN (Brasil, 1996) permite a autonomia às instituições de ensino em relação à elaboração de seus projetos pedagógicos. De acordo com o Art. 12, os estabelecimentos de ensino devem instituir meios para os exames dos alunos de menor rendimento:

- I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;
- II - administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;
- III - assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
- IV - velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;
- V - prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento (Brasil, n.p. 2023).

As escolas têm liberdade para organizar seus currículos e definir suas metodologias de ensino [...] (Brasil, 2023). Essa autonomia é fundamental para que as instituições possam adaptar suas práticas às necessidades específicas de seus alunos.

Por fim, é importante ressaltar que as diretrizes educacionais visam não apenas à formação dos alunos, mas também ao seu desenvolvimento integral como cidadãos críticos e participativos na sociedade. A legislação brasileira indica caminhos para a educação, no entanto, a pandemia trouxe desafios maiores e mais profundos, em um sistema educativo já incomodado com tantas questões a resolver, sendo um dos principais desafios, garantir que todos os estudantes tenham acesso a uma educação de qualidade, em especial em relação à alfabetização e o letramento.

2.1 Conceituação de Alfabetização e Letramento

A alfabetização é um processo essencial na formação educacional e social dos indivíduos, sendo definida como a capacidade de ler e escrever de forma competente. Segundo Soares, a alfabetização é "o processo pelo qual o indivíduo aprende a ler e escrever, desenvolvendo competências que lhe permitem compreender e produzir textos em diferentes contextos" (Soares, 2004b, p. 15).

Essa definição destaca a importância da leitura e da escrita como ferramentas fundamentais para a construção do conhecimento e da cidadania. É importante observar que, no contexto brasileiro, os conceitos de alfabetização e letramento frequentemente se confundem. Soares (2004a) explica que "a invenção do letramento, entre nós, se deu por caminhos diferentes daqueles que explicam a invenção do termo em outros países", o que sugere que a compreensão e a prática da alfabetização no Brasil possuem características singulares (Soares, 2004a), essa diferenciação é fundamental para entender como as práticas pedagógicas podem ser adaptadas às realidades locais.

Em síntese, a alfabetização é um processo complexo e multifacetado que vai além do simples aprendizado técnico da leitura e da escrita. Trata-se de uma habilidade social essencial para a participação ativa dos indivíduos na sociedade. Como afirma Soares "alfabetizar é mais do que ensinar a ler e escrever; é ensinar a pensar criticamente sobre o mundo" (Soares, 2004a, p. 85). Portanto, promover a alfabetização deve ser uma prioridade nas políticas educacionais, visando à formação de cidadãos críticos e participativos.

O letramento, segundo Soares (2004a), refere-se a práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas, complexas e amplas, dentro de determinados grupos sociais, que as

práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. Esta definição enfatiza que o letramento vai além da simples capacidade de ler e escrever, envolvendo o uso dessas habilidades em contextos sociais diversos e significativos.

A autora também destaca que a discussão sobre letramento no Brasil surgiu em um contexto diferente daquele observado em países desenvolvidos. Enquanto em nações como a França e os Estados Unidos a questão do letramento se desenvolveu de maneira independente da alfabetização, no Brasil, o movimento se deu em direção contrária (2004^a), com o letramento enraizado no conceito de alfabetização. Isso resulta em uma confusão entre os dois processos, levando à necessidade de uma compreensão mais clara das especificidades de cada um.

Em síntese, [...] entre nós, se deu por caminhos diferentes daqueles que explicam a invenção do termo em outros países, como a França e os Estados Unidos. Enquanto nesses outros países a discussão do letramento – *illettrisme, literacy and literacy* – se fez e se faz de forma independente em relação à discussão da alfabetização – *apprendre à lire et à écrire, reading instruction, emergent literacy, beginning literacy* –, no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização[...] (Soares, 2004a, n.p.).

Assim, o letramento é um fenômeno complexo que envolve não apenas a técnica de leitura e escrita, mas também a capacidade de utilizar essas habilidades de forma crítica e reflexiva, em diferentes situações sociais.

2.2 Alfabetização e letramento durante a pandemia

A alfabetização é um processo essencial que envolve a aquisição das habilidades de leitura e escrita, enquanto o letramento diz respeito à capacidade de utilizar essas habilidades em contextos sociais diversos. Soares (2004a) destaca que a alfabetização deve ser entendida como um processo indissociável do letramento, pois além de aprender a ler e a escrever, o sujeito precisa fazer uso da leitura e da escrita para que essas práticas o transformem. A perspectiva adotada por Ferreiro (2011), afirma que a aprendizagem da escrita é um fenômeno complexo, que ocorre em diferentes níveis, sendo essencial para a formação do sujeito letrado.

Soares (2016), em entrevista ao Cenpec³, ressalta que a leitura e a escrita são processos distintos, que desempenham papéis fundamentais na alfabetização, pois enquanto a

³ Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC. Para mais informações acessar o site <https://www.cenpec.org.br/>

leitura envolve a representação dos grafemas por meio de sons, a escrita requer a transformação de sons em grafemas. Essa diferença cognitiva e linguística destaca a necessidade de abordagens pedagógicas diversificadas para promover uma aprendizagem com maior eficácia. Compreender que a alfabetização e o letramento são processos que se desenvolvem simultaneamente é essencial para a formação do sujeito letrado, destacando que a integração de práticas, aborda tanto a leitura quanto a escrita, permitindo que os alunos construam um conhecimento mais amplo da língua escrita.

A alfabetização deve ser vista como um processo que exige metodologias adaptadas às particularidades de cada estudante, e além disso, “uma ação pedagógica bem estruturada, fundamentada em uma concepção de aprendizagem da língua escrita, que articula contribuições de várias ciências” (Soares, 2020, p. 285).

Durante a pandemia, o letramento assumiu contornos diferentes, pois ao migrar do ambiente escolar para o espaço doméstico, a leitura e a escrita passaram a ser vivenciadas principalmente em casa, exigindo das famílias e dos educadores, criatividade para promover práticas letradas significativas, usando como meios, o celular e o computador. E mesmo diante dos desafios do distanciamento social, o letramento continuou a ser um processo social, cultural e dinâmico, reafirmando a importância de inserir a leitura e a escrita em situações reais e cotidianas (Soares, 1998b).

Considerando essas questões, podemos afirmar que durante a pandemia de Covid-19, o processo de alfabetização enfrentou desafios enormes, pois com o fechamento das escolas e a rápida mudança para um “ensino remoto”, tornou-se evidente que a abordagem do ensino da língua escrita apresentou várias limitações.

Ficou evidente também, que muitas vezes enxergamos de forma simplista o processo de alfabetização e o papel do próprio aluno, algo que já havia sido discutido por Emília Ferreira (2001). A autora nos lembra que aprender a escrever vai muito além de dominar símbolos ou reproduzir letras no papel, é na verdade, um caminho para representar a linguagem e expressar o próprio pensamento. Contudo, com o distanciamento físico e a falta de interações presenciais, muitas crianças não puderam vivenciar práticas pedagógicas, que estimulam a compreensão mais ampla do conhecimento da leitura e escrita. De acordo com Santos (2023).

Salienta-se que o ambiente escolar é fundamental no processo de ensino e aprendizagem, porque ele vai influenciar diretamente na qualidade e no rendimento do ensino. E durante a pandemia esse foi um desafio muito grande, porque durante as experiências de estágios, se pode ver, na prática, que nem todas as crianças tinham um ambiente exclusivo e adequado para os estudos. É imprescindível que se

tenha um espaço de tranquilidade e silêncio para que se tenha foco e concentração, possibilitando um bom desempenho nos estudos (Santos, 2023, p.12).

Além disso, a ideia de que a criança é apenas um receptor passivo – alguém que apenas vê, ouve e escreve mecanicamente – foi ainda mais reforçada pelo uso intensivo de tecnologias durante as aulas online. Para Tonocchi (2021):

As famílias foram fortemente impactadas com a mudança de rotina imposta pela pandemia, expondo as dificuldades de pais, filhos e escola no processo de inclusão e aprendizagem, pois enquanto os primeiros não sabiam como ajudar, ao mesmo tempo percebiam as dificuldades apresentadas pelos seus filhos em comparação com os colegas de turma, enquanto a escola ainda está na busca de uma inclusão efetiva. [...]essa dificuldade dos pais evidenciou a importância da parceria família- escola, pois a troca entre o que os pais conhecem de seus filhos, só têm a contribuir para a aprendizagem das crianças na escola” (Tonocchi, 2021, p.7 e 8).

O contexto pandêmico acabou limitando a experiência de aprendizado das crianças como sujeitos ativos e pensantes, que constroem significados e interagem com o mundo. No ensino remoto, muitos alunos não tiveram o apoio necessário para desenvolver a escrita enquanto um processo de construção do conhecimento. Como resultado, observamos o impacto em sua capacidade de interpretar textos, desenvolver uma leitura crítica e se expressar por escrito.

Portanto, a relação entre alfabetização e letramento, que são diferentes, mas interdependentes, deve garantir a formação integral dos alunos. As práticas educativas devem ser planejadas para promover essa integração, garantindo que os alunos não apenas aprendam a ler e escrever, mas também desenvolvam habilidades críticas para utilizar essas competências em sua vida cotidiana.

2.3 Práticas pedagógicas na pandemia

As práticas pedagógicas precisam ser contextualizadas e integradas ao cotidiano dos alunos para promover a aprendizagem, conforme argumenta Soares (2003) defende o *alfabetizar letrando*, ou seja, um ensino da leitura e escrita dentro das práticas sociais. Essa abordagem requer a criação de ambientes de aprendizagem que permitam a interação com diversos gêneros textuais, favorecendo uma compreensão crítica e destacando a relevância do aprendizado na vida diária dos estudantes.

Segundo as pesquisas realizadas por Lima e Dantas “a maneira como o professor desenvolve seu trabalho dentro da sala de aula faz a diferença no processo[...]” (Lima; Dantas,

2013, p. 15). Por isso, é fundamental que os educadores adotem metodologias diversificadas que atendam às necessidades individuais dos alunos, em especial, no período pós pandêmico.

Com a suspensão das aulas presenciais, o ambiente educacional sofreu uma ruptura significativa, pois métodos de ensino que dependem de interação direta entre alunos e professores foram interrompidos. Essa experiência revelou a necessidade de uma incorporação tecnológica mais planejada e estruturada, evitando uma dependência emergencial que resultou em prejuízos significativos ao aprendizado.

O ensino remoto, improvisado e mediado pela tecnologia, trouxe desafios inesperados para alunos em fase inicial de aprendizado, como aqueles em processo de alfabetização. A falta de contato direto dificultou o desenvolvimento social e educacional das crianças, limitando a eficácia da tecnologia para substituir a presença física essencial à aprendizagem. Além disso, questões como o acesso desigual a recursos tecnológicos aprofundaram as diferenças sociais, dificultando a adaptação de famílias e professores e comprometendo o rendimento escolar (Oliveira, 2023, n.p).

Segundo Pietri (2023) em entrevista ao Jornal da USP, a pandemia de Covid-19 teve um impacto profundo e duradouro no processo de alfabetização no Brasil, especialmente entre as crianças dos anos iniciais. De acordo com dados da pesquisa Alfabetiza Brasil, a taxa de crianças alfabetizadas no 2º ano do Ensino Fundamental caiu de seis, para quatro em cada dez, entre 2019 e 2021, evidenciando a fragilidade da educação pública em tempos de crise. Para muitos alunos, a falta de acesso a materiais de leitura e ao suporte familiar para os estudos em casa agravou as dificuldades de aprendizado.

Além disso, a pandemia intensificou as disparidades de desenvolvimento dentro das salas de aula, tornando o trabalho dos professores ainda mais desafiador, uma vez que a alfabetização passou a exigir atenção individualizada para suprir as lacunas formativas. Esse cenário demanda que as redes de ensino proporcionem condições adequadas para que os educadores possam atuar de forma eficaz na recuperação educacional dessas crianças.

O período pós pandêmico gerou um aumento significativo no percentual de crianças com dificuldades de leitura e escrita, que saltou de 15,5% em 2019 para 33,8% em 2022. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), essa piora é resultado direto das dificuldades enfrentadas durante o ensino remoto, como a falta de equipamentos adequados e conexão de qualidade com a internet, fatores que limitaram o acesso pleno ao aprendizado. O senador Flávio Arns, presidente da Subcomissão de Acompanhamento da Educação na pandemia, destacou essas barreiras como cruciais para compreender a defasagem educacional acentuada no período (Borges, 2022).

De uma maneira geral, as práticas pedagógicas devem ser planejadas de modo a integrar as experiências dos alunos com os conteúdos curriculares. Isso não apenas enriquece

o processo de ensino-aprendizagem, mas também promove um ambiente em que eles se sentem valorizados e motivados a aprenderem.

3. ANÁLISE E REFLEXÕES A RESPEITO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM AS PROFESSORAS

Nesta seção, apresentamos o posicionamento das professoras participantes da pesquisa, que abordou os desafios relacionados ao tema “Impactos na alfabetização e no letramento pós-pandemia”. Foram entrevistadas duas docentes de uma escola pública do município de Naviraí-MS, que demonstraram grande receptividade, dedicação e comprometimento ao disponibilizarem seu tempo para a entrevista, contribuindo com reflexões pertinentes às questões propostas. Para preservar a identidade das participantes, utilizamos nomes fictícios: professora **Águia** e professora **Coruja**.

As entrevistas foram orientadas pelas seguintes perguntas norteadoras: a) quais os impactos na leitura e escrita enfrentados por alunos que estavam em processo de alfabetização e letramento durante a pandemia e que atualmente cursam o 4º e 5º ano do ensino fundamental? como essas dificuldades se manifestam no contexto atual? b) quais dificuldades os alunos têm enfrentado no aprendizado da escrita após a pandemia, segundo sua percepção? c) de que forma a escola e os professores têm atuado para apoiar a recuperação dos alunos? d) quais as estratégias ou métodos de alfabetização e letramento que são adotados? e) quais as justificativas para tais escolhas? f) quais práticas pedagógicas são desenvolvidas para promover o aprendizado dos alunos?

A partir das respostas obtidas, iniciaremos a análise da 1ª questão, destacando as contribuições das professoras para a compreensão dos impactos da pandemia no processo de alfabetização e letramento, contextualizando-os à realidade das escolas públicas e aos desafios enfrentados no cenário pós-pandêmico.

Falar nos impactos na leitura e na escrita pós pandemia, é um assunto que afetou negativamente nossos alunos de 4º e 5º ano principalmente porque eles estavam na fase de alfabetização, então hoje a gente se depara com um problema muito grande, por que são alunos que estão em processo de alfabetização ainda, porém vem carregando uma desigualdade na escrita na leitura muito grande, são alunos que estão lutando para sanar essas dificuldades mas, que ainda refletem “respingos” da pandemia, do pós pandemia por que foram alunos que pularam etapas, quando fala pular etapas, foi devido à falta de estar dentro de uma sala de aula, de ter um professor para poder ajudá-los nessa fase de alfabetização e isso aumentou um grande nível de alunos defasados, principalmente na leitura e na escrita (professora Águia, abril de 2025)

As crianças demonstram desinteresse na leitura, vergonha de ler em voz alta, falta de entonação e interpretação ao ler, registro de atividades muito lento, não assimilaram corretamente som e grafema (professora Coruja, abril de 2025).

A fala das professoras evidencia os desafios enfrentados por alunos que estavam em processo de alfabetização durante a pandemia, o que pode ser compreendido à luz dos estudos de Soares (2004a) sobre alfabetização e letramento, segundo a autora a alfabetização é um processo complexo que vai além do simples domínio do código escrito, envolvendo também o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita em contextos sociais significativos. A autora destaca que o letramento, entendido como a inserção efetiva do sujeito nas práticas sociais de leitura e escrita, é fundamental para o pleno desenvolvimento das competências linguísticas.

Durante a pandemia, a ausência do ambiente escolar presencial e do acompanhamento do professor dificultou esse processo, levando muitos alunos a "pularem etapas" essenciais da alfabetização. Soares (2020) ressalta que a mediação docente é indispensável para que toda criança possa aprender a ler e escrever, pois o processo exige intervenções intencionais e contínuas.

Além disso, Soares (1998a) aponta que a desigualdade de acesso às práticas de leitura e escrita pode acentuar as diferenças entre os alunos, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. O impacto da pandemia agravou as desigualdades, resultando em uma geração de estudantes com defasagem no conhecimento, tanto na leitura, quanto na escrita.

Portanto, a fala das docentes encontra respaldo nas reflexões teóricas de Soares (1998 a; 2004a), que enfatiza a importância do contexto escolar, da mediação pedagógica e do acesso às práticas de letramento para o progresso efetivo do processo de alfabetização.

Na 2ª questão, a professora Águia destaca que as dificuldades enfrentadas pelos alunos decorrem, em grande parte, da ausência de uma alfabetização adequada e de acompanhamento, o que resulta em atrasos no aprendizado e sentimentos de inferioridade, ligados à sensação de fracasso. Por sua vez, a professora Coruja aponta que as principais dificuldades dos alunos estão relacionadas à ortografia, evidenciando uma defasagem nessas áreas. Além disso, observa-se um vocabulário limitado, que compromete a capacidade de expressão das ideias. A caligrafia é difícil de ser lida e os alunos têm dificuldades em organizar textos de forma coerente e coesa, o que também são fatores que prejudicam a compreensão da escrita dos alunos.

Assim, as respostas das professoras encontram respaldo em diversos estudos e autores que analisaram os impactos da pandemia no processo de alfabetização e letramento. Segundo

Ferreiro e Teberosky (1986), o processo de alfabetização é construído a partir de interações sociais e da mediação docente, sendo fundamental o acompanhamento sistemático do professor para que o aluno avance em suas hipóteses sobre a língua escrita. A ausência desse acompanhamento durante a pandemia resultou em lacunas significativas, como observado pelas professoras, pois muitos alunos não tiveram o suporte necessário para consolidar as etapas do desenvolvimento da escrita.

Ferreiro (2011) também destaca que a alfabetização é um desafio que exige estratégias diferenciadas para atender à diversidade de níveis presentes em uma mesma turma, realidade que podemos afirmar que se agravou no pós-pandemia. O contexto de salas com crianças em vários níveis de leitura e escrita, citado por uma professora, reflete a heterogeneidade de aprendizagem, o que exige dos professores adaptações constantes e dificulta o avanço coletivo da turma. Por outro lado, essa heterogeneidade pode ser um ponto importante para que sejamos capazes de agrupar os alunos de forma estratégica, em atividades que atendam essas diferenças e semelhanças entre os diferentes níveis de leitura e escrita das crianças.

Além disso, estudos recentes (Borges, 2022; Pietri, 2023) apontam que as dificuldades do pós-pandemia não se restringem ao domínio técnico da escrita, mas também envolvem aspectos emocionais e sociais. Alunos que não se alfabetizaram sentem-se inseguros, desmotivados e, muitas vezes, inferiores aos colegas, o que pode comprometer a autoestima e a participação nas atividades escolares. A literatura destaca ainda, que a defasagem na alfabetização tende a se perpetuar ao longo dos anos escolares, caso não haja intervenções pedagógicas eficazes e contínuas.

Portanto, a fala das professoras nos leva ao pensamento de Ferreiro e Teberosky (1986), que evidenciam a importância do acompanhamento docente nessa fase inicial da escolaridade, da adaptação às diferenças individuais e da atenção aos aspectos socioemocionais no processo de alfabetização, especialmente diante dos desafios impostos pela pandemia.

Na sequência analisamos a 3ª questão da entrevista, em que a professora Águia disse:

A escola e nós professores, a gente tenta atender esses alunos defasados dentro do nosso cotidiano e realidade, a gente sabe que um reforço seria ideal para esses alunos, um trabalho no contraturno, mas isso ainda não está acontecendo dentro da nossa escola esse ano, então tentamos oferecer e garantir condições satisfatórias para que possam chegar até todos alunos, trabalhar com atividades, com aulas dinâmicas, para chamar esse aluno que está desmotivado, como aula de leitura, proporcionar momentos de leitura para que ele leia com prazer e não “por obrigação”, por que o professor pede, então a nossa escola tem uma sala, uma mini biblioteca, eu falo que a nossa biblioteca é recém nascida, um bebezinho, mas a gente tenta chamar e motivar esse aluno a ler mais, a buscar a leitura por prazer (Professora Águia, abril de 2025).

A professora destaca em sua fala a importância que deve ser dada ao incentivo à leitura na escola, pois este processo auxilia o aluno nas demais atividades escolares. Assim ela afirma:

A gente sabe que o aluno que lê, não tem dificuldades para escrever, isso é fato, então a gente trabalha com aquilo que temos dentro da nossa escola, que não são muitos recursos, dentro do que temos tentamos fazer uma aula para que o aluno se sinta motivado e importante, fazendo parte daquela turma daquele ano (Professora Águia, abril de 2025).

A professora Coruja destacou a importância de oferecer atividades extras e aulas de reforço para os alunos. Segundo ela, essas iniciativas são fundamentais para apoiar o desenvolvimento das crianças, ajudando a superar dificuldades de aprendizagem, fortalecer conteúdos e promover a confiança das crianças. As atividades extras e o reforço escolar também proporcionam novas oportunidades de aprendizado, ampliam o repertório dos alunos e contribuem para que cada um avance no seu próprio ritmo, respeitando as necessidades individuais.

Além disso, autores como Soares (2004a; 2020) ressaltam que a alfabetização exige práticas intencionais e diversificadas, adaptadas às condições e recursos disponíveis, e que o envolvimento afetivo da criança é decisivo para o sucesso do processo. A professora reconhece a limitação de recursos da escola, mas enfatiza a importância de garantir condições satisfatórias e de valorizar o aluno, o que está em consonância com a perspectiva de que o ambiente escolar deve ser acolhedor e estimulante.

Ferreiro e Teberosky (1986) também apontam que a aprendizagem da língua escrita depende da mediação do professor e da criação de situações significativas para o aluno, o que pode ser observado na busca por aulas que motivem e envolvam os estudantes. A dificuldade de muitos alunos em escrever está diretamente relacionada à falta de práticas de leitura prazerosas e contínuas, reforçando a importância das estratégias mencionadas pela professora.

Por fim, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) orienta que a escola deve garantir o atendimento à diversidade e promover a recuperação das aprendizagens, especialmente após períodos de interrupção escolar, como ocorreu na pandemia.

Os projetos e ações que envolvem atividades no contraturno e o reforço pedagógico são recomendados por estudiosos da alfabetização, a fim de minimizar os impactos negativos do período de ausência de aulas presenciais. Dessa forma, as ações descritas pelas professoras refletem a necessidade de um trabalho pedagógico adaptado e focado na motivação e no acompanhamento dos alunos, conforme apontam os autores e documentos educacionais.

Na 4ª questão a professora Águia respondeu que “para aqueles que ainda não estão alfabetizados utilizo atividades individualizadas, jogos e brincadeiras que visam desenvolver a consciência fonológica” (Professora Águia, abril de 2025). A explanação evidencia que a abordagem pedagógica deve ser flexível e orientada pelos objetivos específicos de cada aula e pelas necessidades dos alunos.

A professora Águia disse que no 4º ano, momento em que se inicia a introdução de conteúdos mais complexos, como gramática, leitura e interpretação textual, a estratégia adotada busca despertar o interesse dos estudantes por meio da contação de histórias e da implementação de um projeto de leitura em sala, no qual capítulos de um livro são lidos progressivamente, estimulando a autonomia e o hábito da leitura fora do ambiente escolar. Apesar dos desafios inerentes a esse processo, a professora destaca a importância de elaborar estratégias diversificadas, como o uso de perguntas orais e o diálogo sobre a relevância da leitura, para garantir o avanço de todos os alunos, reconhecendo que há alunos leitores assíduos, que comprovam a importância do estímulo diário à leitura para o desenvolvimento da turma.

A professora Coruja ressalta que não há um método ou estratégia única e específica para o ensino, pois cada aluno possui formas distintas de aprendizagem. Assim, cabe ao professor identificar e adaptar-se às particularidades de cada estudante, promovendo o respeito às diferentes formas de aquisição do conhecimento. Essa visão reforça a necessidade de flexibilidade e sensibilidade pedagógica para atender à diversidade presente em sala de aula.

Na 5ª questão a professora Águia argumentou:

As estratégias dependem, são de acordo com o que preciso atingir com os meus alunos, se eu estou em uma aula de leitura e produção vou estimular eles por meio de perguntas. Se quero que ele produza um texto narrativo, eu vou proporcionar para eles questionamentos que vão fazê-los pensarem antes da escrita, um exemplo, dou uma atividade colocando figuras, escolha um personagem para essas figuras: Qual a história que você vai criar? Qual o personagem que você vai contar na sua história? Esse personagem tem nome? Onde ele mora? O que ele costuma fazer durante o dia? A história que você vai criar acontece na floresta, na cidade ou no parque? Então o professor procura instigar o aluno, bem antes de iniciar a escrita (professora Águia, abril, 2025).

A professora pontuou sobre o diálogo com as crianças na produção de textos coletivos, ela destaca:

Como sempre digo, as estratégias dependem do momento da aula, questionar para estimular o raciocínio e comunicação entre as crianças. Uma estratégia que eu gosto muito também é um texto coletivo, eu começo o texto falando e dou a oportunidade para o aluno continuar e o outro aluno continua e depois registramos a história

coletiva que criamos. São estratégias que vão depender da hora, do momento e do conteúdo que você vai trabalhar (Professora Águia, abril, 2025).

De acordo com a professora Coruja, “o atendimento da criança deve ser mais individualizado para verificar qual é o nível de aprendizagem que a criança está, e preparar as atividades adaptando ao nível de aprendizado com a realidade de cada aluno” (Professora Coruja, abril de 2025). A fala evidencia que cada criança é uma, reconhecendo suas singularidades e respeitando seus ritmos e desafios, o que pode tornar o ensino mais adequado. Ao adaptar as atividades ao nível de aprendizagem e à realidade dos alunos, cria-se um ambiente que valoriza as diferenças e motiva o aprendizado, fortalecendo a confiança dos estudantes em suas capacidades. Apesar da fala da professora, não foi possível observar como são essas adequações de atividades aos alunos, e nem se são feitas frequentemente ou de forma esporádica.

A seguir apresentamos um quadro comparativo com as principais questões apontadas pelas professoras:

Quadro 1. Resumo Comparativo

QUESTÕES ABORDADAS	PROFESSORA ÁGUIA (4º ano)	PROFESSORA CORUJA (5º ano)
Dificuldades dos alunos	Problemas com baixa autoestima; níveis de leitura e escrita muito abaixo do ano em que se encontram; adequação aos diferentes níveis de aprendizagem da turma; continuidade no ensino da leitura e escrita.	Problemas com a ortografia e gramática, vocabulário limitado, problemas de caligrafia.
Estratégias de recuperação	Não houve propostas de reforço e atividades no contraturno, somente o trabalho do professor em sala de aula.	Atividades extras e reforço na sala de aula
Adaptação pedagógica	Atividades individuais para o desenvolvimento da consciência fonológica; reagrupamentos de alunos nas atividades; adaptação de atividades; projeto de leitura; ida à biblioteca.	Não há método específico.
Recursos e infraestrutura	Livros, imagens, entre outros. ● Usa a biblioteca.	Não informado.

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

3.1 As falas das professoras: particularidades e alguns pontos em comum

A educação escolar brasileira, especialmente no que tange à alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental foi bastante impactada pela pandemia de Covid-19. Tanto a professora Águia, quanto a professora Coruja, reconhecem em seus relatos, a importância de se observar, que houve sim, efeitos negativos desse período, sobre o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos que agora se encontram no 4º e 5º ano.

Essa percepção encontra respaldo em pesquisas nacionais, que apontam para um aumento expressivo no número de crianças não alfabetizadas após o ensino remoto emergencial, especialmente entre estudantes de baixa renda e de escolas públicas, conforme entrevista aqui analisada de Pietri (2023).

As docentes entrevistadas na pesquisa relatam que muitos alunos ainda se encontram em processo de alfabetização inicial, apresentando defasagens acentuadas em leitura e escrita, fato atribuído à ausência do ambiente escolar presencial e à falta da mediação do professor durante o período pandêmico.

Esse quadro é corroborado por estudos que destacam a evasão escolar, o baixo desenvolvimento nos processos de leitura e escrita e o aumento do percentual de crianças que não sabem ler nem escrever, como consequências do fechamento das escolas na pandemia.

No que diz respeito às dificuldades enfrentadas pelos estudantes, as professoras apontam questões como: desinteresse pela leitura, lentidão no registro das atividades, problemas ortográficos, limitações de vocabulário e insegurança por parte das crianças. Tais fatores contribuem para a baixa autoestima dos alunos, que frequentemente se sentem inferiores por não acompanharem o ritmo dos colegas. Isso evidencia que o período pandêmico deixou não apenas lacunas cognitivas, mas também desafios emocionais, que interferem diretamente no processo de aprendizagem.

Outro ponto de concordância observada nas falas das professoras, refere-se à importância do apoio e das estratégias de recuperação. As professoras defendem a necessidade de atividades extras, aulas de reforço e práticas pedagógicas que incentivem a leitura e a escrita, ressaltando o papel fundamental do professor na mediação e no acompanhamento dos alunos.

No entanto, conforme suas respostas nas entrevistas, não houve reforço no contraturno para as turmas mencionadas, no ano da pesquisa. A professora Águia afirma que, embora reconheçam a necessidade de um trabalho de reforço no contraturno para atender os alunos com defasagem, isso ainda não estava acontecendo na escola naquele ano. Ela destaca que “tentam oferecer condições satisfatórias dentro do horário regular, com aulas dinâmicas e

atividades motivadoras, mas o reforço formal no contraturno não foi implementado” (Professora Águia, abril de 2025). A professora Coruja menciona que há atividades extras e aulas de reforço, mas não detalha se essas ocorrem no contraturno ou durante o horário regular.

Por fim, tanto Águia, quanto a professora Coruja, enfatizam a relevância da adaptação das práticas pedagógicas às necessidades específicas dos alunos, defendem as atividades diferenciadas, respeitando o ritmo e as particularidades de cada estudante.

Nas palavras da professora Águia, ela demonstra um cuidado especial com cada criança que ainda está no início do processo de alfabetização. Ela afirma que “para aqueles que ainda não estão alfabetizados utilizo atividades individualizadas, jogos e brincadeiras que visam desenvolver a consciência fonológica” (professora Águia, abril de 2025). Sabemos que a consciência fonológica é fundamental para a aprendizagem do sistema de escrita alfabética.

O que chama a atenção em sua fala é “o uso de metodologias ativas, como projetos e jogos”, que podem tornar as aulas mais dinâmicas e interessantes. Ela afirma adaptar suas estratégias de acordo com o que quer alcançar em cada momento, sempre valorizando a motivação e o envolvimento dos alunos.

Nas palavras da professora Coruja: “acredito que não há um método único para o ensino”, defende que o professor deve adaptar-se às formas de aprendizagem de cada aluno, porém sem indicar métodos específicos.

Águia destaca as limitações da escola, como a pequena biblioteca e a falta de reforço escolar, valoriza o esforço para incentivar a leitura por prazer. Coruja afirma que foca nas atividades adaptadas, sem comentar diretamente sobre as limitações estruturais. Ambas concordam sobre as dificuldades em leitura e escrita no pós-pandemia e a necessidade de práticas adaptadas.

A fala das professoras mostra alguns consensos e divergências que refletem os desafios do sistema educacional brasileiro, apontando que a pandemia gerou um impacto complexo, que exige respostas pedagógicas inovadoras, sensíveis e contextualizadas, com ênfase no papel do professor e no apoio institucional e governamental.

As estratégias pedagógicas adotadas pelo professor para estimular a produção textual e o desenvolvimento do raciocínio dos alunos refletem uma intenção de garantir não só que o aluno esteja alfabetizado, mas tenha condições de estar letrado, ou seja, que saiba fazer uso da leitura e escrita em diferentes contextos.

Conforme a professora relata, o uso de questionamentos prévios à escrita, como a exploração de personagens e contextos narrativos por meio de imagens, visa promover a

reflexão e a organização das ideias, preparando o aluno para a produção textual. Essa prática dialoga diretamente com as propostas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986), que destacam a importância de envolver o aluno no processo de construção do conhecimento da língua escrita, respeitando seus estágios de desenvolvimento e estimulando a reflexão sobre a língua escrita e a leitura.

Além disso, a estratégia do texto coletivo, em que o professor inicia a narrativa e os alunos a complementam, favorece a interação social e a construção colaborativa do conhecimento, aspectos ressaltados por Soares (2004a, 2020), ao enfatizar que o letramento ultrapassa a mera decodificação, envolvendo práticas sociais de leitura e escrita em contextos significativos.

A flexibilidade na escolha das estratégias, conforme o momento da aula e o conteúdo a ser trabalhado, está em consonância com o entendimento de que não existe um único método eficaz para alfabetizar, mas sim a necessidade de diversificação e adaptação das práticas pedagógicas às demandas específicas dos alunos e do contexto (Cenpec, 2016; Soares, 1998). Isso é especialmente relevante no cenário pós-pandêmico, em que os desafios para a alfabetização e letramento foram intensificados devido às desigualdades no acesso ao ensino remoto e à falta de acompanhamento e intervenção do professor alfabetizador (Araújo, 2024; Oliveira, 2023; Ueno, 2024).

No que diz respeito ao atendimento individualizado e à adaptação das atividades ao nível de aprendizagem de cada aluno, conforme enfatizado pela professora Coruja, essa prática visa adequar o ensino para respeitar as singularidades dos estudantes, promovendo o desenvolvimento pleno das competências de leitura e escrita (Brasil, 1996; Lima, Dantas, 2013). Essa questão é decisiva para superar as defasagens acumuladas durante a pandemia, especialmente em turmas heterogêneas, pois as diferenças de ritmo e nível de aprendizagem são evidentes (Santos, 2023; Tonochi, 2021).

Por fim, a importância de estimular o raciocínio e a comunicação por meio de questionamentos e atividades orais está em conformidade com as contribuições de Ferreiro (2011), que destaca a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a reflexão e o diálogo, fortalecendo as competências linguísticas e cognitivas dos alunos.

Assim, as estratégias mencionadas no discurso das professoras constituem práticas que atendem aos desafios contemporâneos da alfabetização e do letramento, especialmente no contexto de recuperação pós-pandemia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos os caminhos percorridos nesta pesquisa, buscamos refletir sobre o alcance dos objetivos propostos inicialmente. O propósito central deste trabalho foi investigar o processo de alfabetização e letramento que envolve os alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública em Naviraí-MS, especialmente sob a ótica dos desafios impostos pelo período pós-pandemia de Covid-19. Para tanto, delineamos objetivos específicos que nortearam nossa investigação.

Propusemo-nos, primeiramente, a identificar as principais dificuldades de leitura e escrita enfrentadas por esses alunos, compreendendo como a pandemia impactou em suas trajetórias de aprendizagem. Em segundo lugar, buscamos analisar as estratégias pedagógicas empregadas para a recuperação das aprendizagens e sua adequação às necessidades individuais dos estudantes. A pesquisa é qualitativa, ancorada em instrumentos de entrevistas semiestruturadas com duas professoras atuantes no 4º e 5º ano e permitiu uma aproximação e uma escuta de suas dificuldades e problemáticas. Por meio dos relatos, foi possível depreender que as dificuldades em leitura e escrita persistem entre os alunos, sendo um reflexo direto das interrupções e adaptações abruptas do período pandêmico. As professoras compartilharam suas percepções sobre os desafios em engajar os estudantes e a complexidade em diagnosticar e intervir nas lacunas de aprendizagem acentuadas pela crise sanitária de 2020 e 2021.

Quanto às estratégias de recuperação, a análise dos discursos docentes revela que, embora haja iniciativas individuais e institucionais voltadas para as estratégias de recuperação, ainda é necessário avançar na consolidação de práticas mais sistemáticas, que considerem a diversidade de necessidades presentes nas salas de aula.

Além disso, evidencia-se a necessidade de ações mais efetivas por parte do poder público, com investimentos voltados ao desenvolvimento de projetos de reforço escolar que contribuam para a superação das defasagens identificadas.

É fundamental reconhecer, contudo, a limitação encontrada na execução deste estudo, que foi a impossibilidade de realizar observações diretas com os alunos. Essa observação enriqueceria a análise, complementando a perspectiva docente com a vivência discente. No entanto, acreditamos que as vozes das professoras, protagonistas essenciais nesse processo, trouxeram contribuições para a compreensão do fenômeno investigado.

Concluimos que a pesquisa conseguiu trazer à reflexão pontos importantes, as dificuldades persistentes e as estratégias em curso no contexto pós-pandêmico, da escola investigada, cumprindo parcialmente os objetivos traçados. Os resultados encontrados

reforçam a urgência de políticas públicas e ações pedagógicas contínuas que auxiliem tanto os alunos, quanto os educadores, na superação dos desafios impostos aos processos de alfabetização e ao letramento, reafirmando o compromisso com uma educação pública de qualidade para todos.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gilliane Barbosa de. **Alfabetização e pandemia: desafios e concepções de professoras da rede pública**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2024.

BORGES, Iara Farias. Déficit na alfabetização dobrou com a pandemia. **Senado Notícias**, 19 set. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2022/09/deficit-na-alfabetizacao-dobrou-com-a-pandemia>. Acesso em: 12 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 9 out. 2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1 nov. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394/1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 2023. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 1 nov. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.005/2014. **Plano Nacional de Educação**. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 1 nov. 2024.

CAETANO PORTO, Gilceane; BURKERT DEL PINO, Mauro Augusto; ARNDT MESENBURG, Fernanda. Contribuições de Magda Soares para o campo da alfabetização e letramento no Brasil durante a pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], n. 20, p. 1–16, 2023. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/761>. Acesso em: 2 jun. 2025.

CENPEC. “O problema não é o método de alfabetização, é alfabetizar sem método”. Entrevista com Magda Soares. **Cadernos Cenpec**, Nova série, v. 6, n. 1, 2016.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução de Horácio Gonzales (et al.). 24. ed. atualizada. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização: o desafio do século XXI**. São Paulo, SP: Cortez, 2011.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. São Paulo, SP: Cortez, 1986.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: educação-2022. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102002.pdf>. Acesso em: 30 out. 2024.

LIMA, Aparecida Lúcia de Souza; DANTAS, Cláudia Vasconcelos. Alfabetização e letramento: um estudo de caso nos primeiros anos do ensino fundamental na escola pública de Jandira. **E-FACEQ: Revista dos Discentes da Faculdade Eça de Queirós**, v. 2, n. 2, p. 1-19, ago. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, Lilia. Alfabetização em tempos de pandemia por Covid-19. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, RJ, v. 1, n. 3, 2023.

ORGANIZAÇÃO NÃO-GOVERNAMENTAL TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Nota Técnica**: Impactos da pandemia na alfabetização de crianças. Fevereiro de 2021. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://todospelaeducacao.org.br/wp-content/uploads/2022/02/digital-nota-tecnica-alfabetizacao-1.pdf>. Acesso em: jan. 2024.

PIETRI, Emerson de. Desigualdade marcou o processo de alfabetização infantil durante a pandemia. Entrevista concedida ao Jornal da USP em 6 de setembro de 2023. **Jornal da USP**, 1ª edição. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/?p=681244>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

SANTOS, Carolaine Katlin da Silva. **Desafios enfrentados pelo processo de alfabetização pós-pandemia no 2º ano do fundamental**. 2023. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2023. Disponível em: <https://link.ufms.br/3q4Qf>. Acesso em: 30 out. 2024.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo, SP: Cortez, 1998a.

SOARES, Magda. O que é letramento e alfabetização. In: **Letramento**: um tema em três gêneros, v. 2, p. 27-60, 1998b. Disponível em: <https://encurtador.com.br/SVI95>. Acesso em: 30 out. 2024.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista brasileira de educação**, p. 5-17, 2004a.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: o que é? Como se faz? São Paulo, SP: Contexto, 2004b.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo, SP: Contexto, 2020.

TONOCCHI, Mônica Diva Barddal. **A sala de aula na sala de estar**: as percepções da criança e sua família nos processos de inclusão e aprendizagem, em tempos de pandemia do Covid-19. 2021. 139 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Educacional) – Universidade do Rio dos Sinos, São Leopoldo, MG, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/10675>. Acesso em: 20 out. 2024.

UENO, Alessandra. Pandemia foi um marco no contexto da alfabetização de crianças no Brasil. **Jornal da USP**, 15 abr. de 2024. Disponível em:
<<https://jornal.usp.br/editorias/radio-usp/jornal-da-usp-no-ar-2/jornal-da-usp-no-ar/https://jornal.usp.br/?p=743940>>. Acesso em: 12 nov. 2024.